CLAUDE LEVY STRAUSS

Antropologia Estrutural

Tradução Beatriz Perrone-Moises

Editora COSACNAIFY

ix. O feiticeiro e sua magia1

Desde os trabalhos de Cannon (1942), percebe-se com mais clareza os

mecanismos psico-sociologicos subjacentes aos casos de morte por conjuracao

ou feitico, atestados em varias regioes do mundo: um individuo

consciente de que e objeto de um maleficio fica profundamente convencido,

pelas tradicoes mais solenes de seu grupo, de que esta condenado, e

parentes e amigos compartilham a certeza. A partir de entao, a comunidade

se retrai, todos se afastam do maldito e se comportam para com ele como

se, alem de ja estar morto, representasse uma fonte de perigo para todos os

que o cercam. Em toda ocasiao e em cada um de seus gestos, o corpo social

sugere a morte a pobre vitima, que nao tenta escapar do que considera ser

seu inelutavel destino. E logo sao celebrados para ela os ritos sagrados que a

conduzirao ao reino das trevas. Brutalmente alijado, de saida, de seus lacos

familiares e sociais, e excluido de todas as funcoes e atividades por intermedio

das quais o individuo tomava consciencia de si mesmo, e enfrentando

em seguida as mesmas forcas imperiosas, novamente conjuradas com o

unico proposito de bani-lo do reino dos vivos, o enfeiticado cede a forca

combinada do terror que sente e da retirada subita e total dos multiplos

sistemas de referencia fornecidos pela conivencia do grupo e, finalmente, a

sua inversao definitiva quando, de vivo e sujeito de direitos e de obrigacoes,

passa a ser proclamado morto, objeto de temor, de ritos e de proibicoes.

A integridade fisica nao resiste a dissolucao da personalidade social.2

. Publicado em Levi-Strauss 1949c.

. Um indigena australiano, vitima de um feitico desse genero no mes de abril de 1956, foi

levado moribundo para o hospital de Darwin. Ligado a um pulmao artificial e alimentado >

 magia e religião

Como esses fenomenos complexos se expressam no plano fisiologico?

Cannon mostrou que o medo, assim como a raiva, e acompanhado

por uma atividade particularmente intensa do sistema

nervoso simpatico. Essa atividade e, normalmente, benefica, ao acarretar

modificacoes organicas que permitem que o individuo se adapte

a situacoes novas. Mas, se o individuo nao dispuser de nenhuma resposta

instintiva ou adquirida para uma situacao extraordinaria, ou que

assim lhe parece, a atividade do simpatico se intensifica e se desorganiza,

podendo causar, as vezes em questao de horas, uma diminuicao

do volume sanguineo e uma queda concomitante de pressao, que

resulta em estragos irrecuperaveis nos orgaos envolvidos na circulacao.

A recusa de bebida e comida, que e frequente em pacientes tomados

por intensa angustia, precipita essa evolucao: a desidratacao age

como estimulante do simpatico e a diminuicao de volume do sangue

e aumentada pela crescente permeabilidade dos vasos capilares. Essas

hipoteses foram confirmadas pelo estudo de varios casos de traumatismo

decorrente de bombardeios, de envolvimento em batalhas ou

ate mesmo de intervencoes cirurgicas: sobrevem a morte, sem que a

autopsia possa determinar lesao alguma.

Portanto, nao ha por que duvidar da eficacia de certas praticas

magicas. Porem, ao mesmo tempo, percebe-se que a eficacia da magia

implica a crenca na magia, que se apresenta sob tres aspectos complementares:

primeiro, a crenca do feiticeiro na eficacia de suas tecnicas;

depois, a do doente de que ele trata ou da vitima que ele persegue,

no poder do proprio feiticeiro; e, finalmente, a confianca e as exigencias

da opiniao coletiva, que formam continuamente uma especie de

campo de gravitacao no interior do qual se situam as relacoes entre o

feiticeiro e aqueles que ele enfeitica.3 Evidentemente, nenhuma das

por meio de uma sonda, foi-se recuperando pouco a pouco, convencido de que “a magia do

homem branco e mais forte”. Cf. Morley 1956: 11.

. No presente estudo, cujo objeto e mais psicologico do que sociologico, parece-nos ser

possivel desconsiderar, a nao ser quando sao absolutamente indispensaveis, as distincoes

de praxe em sociologia religiosa entre as varias modalidades de atividades magicas e os

diferentes tipos de feiticeiros.

>

*O feiticeiro e sua magia* 

tres partes envolvidas concebe com clareza a atividade do simpatico

ou as perturbacoes que Cannon chamou de homeostaticas. Quando o

feiticeiro simula extrair por succao um objeto patologico do corpo do

doente, cuja presenca explicaria a doenca, apresentando um pedregulho

que tinha escondido na boca, como se justifica esse procedimento

a seu ver? Como um inocente acusado de feiticaria pode se desculpar,

se a imputacao e unanime, ja que a situacao magica e um fenomeno de

consenso? E quanto de credulidade e quanto de espirito critico intervem

na atitude do grupo em relacao aqueles a quem atribui poderes

excepcionais, e a quem concede privilegios correspondentes, mas dos

quais tambem exige satisfacao a altura? Comecemos por examinar

este ultimo ponto.

\*\*\*

Corria o mes de setembro de 1938. Acampavamos havia algumas semanas

com um pequeno grupo de indios Nambikwara, nao longe das nascentes

do Tapajos, no cerrado descampado do Brasil Central em que

os indigenas perambulam, durante a maior parte do ano, em busca de

graos e frutos selvagens, pequenos mamiferos, insetos e repteis e, de

modo geral, qualquer coisa que possa evitar que morram de fome. Uns

trinta deles se encontravam ali, reunidos casualmente pela vida nomade,

agrupados por familias debaixo dos frageis abrigos de ramos que pouco

protegem contra o sol escaldante do dia, a friagem noturna, a chuva e o

vento. Como a maior parte dos bandos, esse tinha um chefe civil e um

feiticeiro, cuja atividade cotidiana em nada se distinguia da dos demais

homens do grupo: caca, pesca e trabalhos artesanais. Era um homem

robusto, de uns 45 anos, muito bem humorado.

Mas, certo dia, ele nao voltou para o acampamento na hora costumeira.

Anoiteceu, e os fogos foram acesos; os indigenas nao escondiam

sua preocupacao. Varios sao os perigos do mato: rios torrenciais, o risco

– certamente pequeno – de encontrar um grande animal selvagem,

como uma onca ou um tamandua, ou o risco – mais imediatamente presente

no espirito nambikwara – de um animal de aparencia inofensiva

 magia e religião

ser a encarnacao de um espirito malefico das aguas ou da mata. Sobretudo,

fazia uma semana que viamos, todas as noites, fogueiras misteriosas

que ora se afastavam, ora se aproximavam das nossas. E todo bando

desconhecido e potencialmente hostil. Apos uma espera de duas horas,

todos ja certos de que o companheiro tinha caido numa emboscada,

enquanto suas duas jovens esposas e seu filho choravam a plenos pulmoes

a morte de seu marido e pai, os demais evocavam as consequencias

tragicas que prenunciava o desaparecimento de seu dignitario.

Por volta das dez da noite, a tensa expectativa de uma catastrofe

iminente, os gemidos de que outras mulheres comecavam a tomar parte

e a agitacao dos homens tinham criado um ambiente insuportavel.

Decidimos, entao, partir numa expedicao de reconhecimento em companhia

de alguns homens que se mantinham relativamente calmos. Nao

tinhamos caminhado nem duzentos metros, quando topamos com um

vulto imovel: era nosso homem, agachado em silencio, tiritando no frio

noturno, descabelado e sem seu cinto, seus colares e pulseiras (que sao a

unica vestimenta usada pelos Nambikwara). Deixou-se levar facilmente

ate o acampamento, mas foram necessarias longas exortacoes por parte

de todos e suplicas de seus familiares para que ele finalmente quebrasse

o silencio. Foi entao possivel arrancar dele, pedaco por pedaco, os detalhes

de sua historia. Uma tempestade – a primeira da estacao – tinha

irrompido durante a tarde, e o trovao o carregara para varios quilometros

de la, para um local que ele indicou, e o trouxera de volta para o

local onde o encontramos, depois de despi-lo completamente. Todos

foram se deitar comentando o ocorrido. No dia seguinte, a vitima do

trovao tinha recuperado sua jovialidade habitual e todos os seus ornamentos

– detalhe que nao parecia surpreender ninguem –, e a vida retomou

seu curso normal.

Porem, alguns dias depois, uma outra versao desses prodigiosos

acontecimentos comecou a ser disseminada por alguns indigenas. Cabe

observar que o bando que foi palco disso era composto de individuos de

origens diferentes, que se haviam fundido numa nova unidade social em

decorrencia de circunstancias obscuras. Um dos grupos fora dizimado

por uma epidemia alguns anos antes, e deixara de ser suficientemente

*O feiticeiro e sua magia* 

grande para levar uma vida autonoma. O outro, que tinha se desligado

de sua tribo de origem, enfrentava o mesmo tipo de dificuldade. Nao

nos foi possivel saber quando e como os dois grupos tinham-se encontrado

e tinham decidido unir suas forcas, um dando a nova formacao o

lider civil e o outro, o lider religioso. Mas tratava-se sem duvida de um

evento recente, ja que nenhum casamento tinha sido realizado entre os

dois grupos no momento em que nos encontramos, embora as criancas

de um estivessem, de modo geral, prometidas as do outro. E apesar da

vida compartilhada, cada grupo tinha conservado seu proprio dialeto,

e so podia se comunicar com o outro por intermedio de dois ou tres

indigenas bilingues.

Dadas essas indispensaveis informacoes, eis o que se dizia a boca

pequena: havia boas razoes para supor que os bandos desconhecidos

que cruzavam o cerrado provinham da tribo do grupo secessionista

a que o feiticeiro pertencia. Este, usurpando as atribuicoes de seu colega,

o lider politico, certamente desejara entrar em contato com seus antigos

compatriotas, para pedir para voltar ao lar, para instiga-los a atacar seus

novos associados, ou ainda para garantir a boa vontade destes para com

aqueles. De qualquer modo, ele precisara de um pretexto para se ausentar,

e o rapto pelo trovao, com toda a encenacao subsequente, tinham

sido inventados com esse proposito. Evidentemente, eram os indigenas

do outro grupo que espalhavam essa interpretacao, na qual no fundo

acreditavam, e que os deixava bastante inquietos. Mas a versao oficial

do ocorrido jamais foi publicamente discutida e ate a nossa partida, que

se deu pouco depois, era declaradamente aceita por todos (Levi-Strauss

1955a, cap. xxix).

Entretanto teria sido dificil convencer os ceticos de uma fraude

tao verossimil, cujos motivos eles mesmos analisavam com tanto refinamento

psicologico e senso politico, para por em causa a boa-fe e a eficacia

de seu feiticeiro. E claro que ele nao tinha voado nas asas do trovao

ate o rio Ananas; era tudo encenacao. Mas essas coisas poderiam ter

ocorrido, tinham efetivamente ocorrido em outras circunstancias, pertenciam

ao dominio da experiencia. Nao ha duvida de que um feiticeiro

possui relacoes intimas com as forcas sobrenaturais. O fato de, nesse

 magia e religião

caso particular, ele ter usado seus poderes como pretexto para encobrir

uma atividade profana pertence ao ambito da conjectura e uma ocasiao

para aplicar a critica historica. O que importa e que as duas eventualidades

nao sao mutuamente exclusivas, assim como nao o sao, para nos,

a interpretacao da guerra como manifestacao derradeira da independencia

nacional ou como resultado das maquinacoes dos comerciantes

de armas. As duas explicacoes sao logicamente incompativeis, mas nos

admitimos que tanto uma quanto a outra possam ser verdadeiras; como

sao ambas igualmente plausiveis, passamos facilmente de uma para a

outra, dependendo da ocasiao e do momento, e para muitos elas podem

obscuramente coexistir na consciencia. Tais interpretacoes divergentes,

por mais fidedigna que seja sua origem, nao sao evocadas pela consciencia

individual ao cabo de uma analise objetiva, mas antes como dados

complementares, invocados por atitudes bastante vagas e nao elaboradas

que, para cada um de nos, possuem um carater de experiencia. Contudo,

tais experiencias permanecem intelectualmente amorfas e afetivamente

intoleraveis, a nao ser que se incorpore algum esquema flutuante na

cultura do grupo e cuja assimilacao e o unico meio de objetivar estados

subjetivos, formular impressoes informulaveis e integrar experiencias

desconexas em sistema.

\*\*\*

Esses mecanismos tornam-se mais claros a luz de observacoes feitas ha

um bom tempo entre os Zuni do Novo Mexico pela admiravel investigadora

M. C. Stevenson (1905). Uma menina de doze anos tinha sido

tomada por uma crise nervosa imediatamente depois de um adolescente

ter pegado suas maos. Este foi acusado de feiticaria e levado ao tribunal

dos sacerdotes do Arco. Durante uma hora, ele negou ter qualquer

conhecimento oculto. Como esse sistema de defesa mostrou-se ineficaz,

e o crime de feiticaria ainda era, naquela epoca, punido com a morte

entre os Zuni, o acusado mudou de tatica e improvisou um longo relato,

no qual explicava as circunstancias em que havia sido iniciado na feiticaria

e tinha recebido de seus mestres dois produtos, um que enlouquecia

*O feiticeiro e sua magia* 

as meninas e outro que as curava. Esse ponto constituia uma engenhosa

precaucao contra os desenvolvimentos ulteriores. Intimado a mostrar

suas drogas, ele foi ate sua casa bem escoltado e voltou com duas raizes,

que utilizou imediatamente num ritual complicado, durante o qual simulou

um transe decorrente da ingestao de uma das drogas e o retorno ao

estado normal gracas a outra. Depois disso, deu o remedio a doente e

declarou-a curada. A sessao foi suspensa ate o dia seguinte mas, durante

a noite, o suposto feiticeiro fugiu. Foi logo capturado e a familia da

vitima constituiu a si mesma como tribunal para prosseguir o julgamento.

Diante da resistencia de seus novos juizes em aceitar a versao anterior, o

rapaz inventa uma outra, segundo a qual todos os seus parentes, e seus

antepassados, eram feiticeiros, e foi deles que ele herdou poderes admiraveis,

como o de se transformar em gato, encher a boca de espinhos de

cactos e matar suas vitimas – dois bebes, tres meninas e dois meninos –

lancando-os sobre elas, tudo isso gracas a penas magicas que permitiam,

a ele e aos seus, deixar a forma humana. Esse detalhe constituia um erro

tatico, pois agora os juizes exigiam que ele mostrasse as penas como

prova da veracidade do novo relato. Ele tentou varias desculpas diferentes,

todas recusadas. Foi entao preciso ir ate a casa do acusado, que

comecou alegando que as penas estavam escondidas sob o revestimento

de uma parede que ele nao podia destruir. Foi obrigado a faze-lo. Derrubou

um pedaco de parede e examinou cuidadosamente cada pedacinho.

Tentou safar-se alegando falta de memoria: fazia dois anos que as penas

tinham sido escondidas, e ele ja nao se lembrava bem onde. Foi intimado

a procurar mais e acabou derrubando uma outra parede, na qual, depois

de uma hora de esforco, apareceu uma velha pena no adobe. Ele a pegou

rapidamente, e a apresentou a seus perseguidores como o instrumento

magico de que falara. Fizeram-no explicar em detalhes seu mecanismo

de utilizacao. Finalmente, arrastado ate a praca publica, teve de repetir

toda a historia, enfeitando-a com muitos novos detalhes, e terminou

com uma peroracao patetica, em que lamentava a perda de seus poderes

sobrenaturais. Tranquilizados, seus ouvintes concordaram em libera-lo.

Esse relato, que infelizmente tivemos de reduzir, tirando dele

todas as nuances psicologicas, e bastante instrutivo em varios aspectos.

 magia e religião

Primeiro, percebe-se que o reu, acusado de feiticaria e correndo por

isso o risco de ser condenado a morte, nao consegue ser absolvido se

desculpando, mas sim assumindo o suposto crime. E mais, melhora sua

defesa apresentando versoes sucessivas, cada vez mais ricas, mais cheias

de detalhes (portanto, em principio, cada vez mais incriminadoras).

O debate nao se faz, como em nossos julgamentos, com acusacoes e

denegacoes, mas com alegacoes e especificacoes. Os juizes nao esperam

que o reu conteste uma tese, menos ainda que negue os fatos; exigem

que ele corrobore um sistema do qual possuem apenas um fragmento,

e querem que ele reconstitua o que falta de modo apropriado. Como

observa a investigadora, a proposito de uma fase do julgamento: “Os

guerreiros estavam tao completamente absorvidos pelo relato do rapaz

que pareciam ter esquecido a razao inicial pela qual ele comparecera

diante deles”. E quando a pena magica e finalmente exumada, a autora

nota, com muita profundidade: “A consternacao tomou conta dos guerreiros,

que exclamaram todos em unissono ‘O que significa isso?’. Agora,

eles sabiam que o rapaz tinha dito a verdade”. Consternacao, em vez de

satisfacao diante da prova tangivel do crime, pois mais do que punir um

crime, o que os juizes querem (validando seu fundamento objetivo com

a expressao emocional apropriada) e atestar a realidade do sistema que

o possibilitou. A confissao, reforcada pela participacao – cumplicidade,

ate – dos juizes, faz com que o reu passe de acusado a colaborador da

acusacao. Gracas a ele, a feiticaria e as ideias a ela relacionadas escapam

de seu penoso modo de existencia na consciencia, como conjunto difuso

de sentimentos e representacoes mal formulados, para encarnar-se em

ser da experiencia. O acusado, preservado como testemunha, fornece ao

grupo uma satisfacao de verdade, infinitamente mais densa e mais rica

do que a satisfacao de justica que teria dado sua execucao. E, finalmente,

com sua defesa engenhosa, fazendo com que seu auditorio tomasse cada

vez mais consciencia do carater vital da verificacao de seu sistema (pois

que nao se trata, ademais, de uma escolha entre um sistema e outro, mas

entre o sistema magico e sistema nenhum, ou seja, o caos), o adolescente

consegue passar de ameaca a seguranca fisica de seu grupo, a fiador

de sua coerencia mental.

*O feiticeiro e sua magia* 

Mas sera que a defesa e mesmo apenas engenhosa? Tudo leva a

crer que, depois de ter tentado achar uma escapatoria, o acusado participa

sinceramente, e – sem exagero – fervorosamente, do jogo dramatico

que se organiza entre ele e seus juizes. Acusam-no de ser feiticeiro; ja

que os ha, ele poderia se-lo. Como poderia ele saber antecipadamente

quais sinais revelariam sua vocacao? Talvez eles estejam ali, nessa provacao

e nas convulsoes da menina levada ao tribunal. Para ele tambem,

a coerencia do sistema e o papel que lhe cabe em sua revelacao nao possuem

um valor menos essencial do que a seguranca pessoal que ele poe

em risco na aventura. E assim o vemos construir progressivamente o

personagem que lhe e imposto, com um misto de astucia e de boa-fe,

lancando mao de seus conhecimentos e lembrancas, improvisando tambem,

mas, principalmente, vivendo seu papel, e buscando, nas manipulacoes

que encena e no ritual que constroi com pedacos, a experiencia de

uma missao cuja eventualidade, pelo menos, se oferece a todos. Ao cabo

da aventura, o que resta das espertezas do inicio, ate que ponto o protagonista

nao se deixou convencer por seu personagem, ou melhor, em

que medida ele nao se transformou realmente num feiticeiro? “Quanto

mais o rapaz falava”, nos e dito acerca de sua confissao final, “mais profundamente

ele mergulhava no que dizia. As vezes, seu rosto se iluminava

com a satisfacao de dominar sua audiencia”. Bastaria certamente

que a menina ficasse curada e que as experiencias vividas no decorrer de

uma prova tao excepcional se elaborassem e se organizassem, para que

os poderes sobrenaturais, ja reconhecidos pelo grupo, fossem definitivamente

confessados por seu inocente detentor.

\*\*\*

Devemos dar mais espaco ainda a um outro documento, excepcionalmente

valioso, embora nao tenha sido aparentemente reconhecido como

mais do que um documento linguistico. Trata-se de um fragmento de

autobiografia indigena registrado em lingua kwakiutl (da ilha Vancouver,

no Canada) por Franz Boas (1930a, parte ii: 1-41), que nos apresenta

sua traducao justalinear.

 magia e religião

Quesalid (pelo menos e esse o nome que recebeu quando se tornou

feiticeiro) nao acreditava no poder dos feiticeiros ou, mais precisamente,

dos xamas, ja que esse termo convem melhor para denotar

seu tipo de atividade especifica em certas regioes do mundo. Movido

pela curiosidade de descobrir seus embustes e pelo desejo de desmascara-

los, comecou a frequenta-los, ate que um deles lhe ofereceu

introduzi-lo no grupo, onde seria iniciado e se tornaria rapidamente

um deles. Quesalid nao se fez de rogado e seu relato descreve, em

detalhes, suas primeiras licoes, uma estranha mistura de pantomima,

prestidigitacao e conhecimentos empiricos em que se mesclam a arte

de fingir desmaios, a simulacao de crises nervosas, o aprendizado de

cantos magicos, a tecnica para vomitar, nocoes bastante precisas de

auscultacao e obstetricia, a utilizacao dos “sonhadores” (isto e, espioes

encarregados de escutar conversas particulares e trazer em segredo ao

xama elementos de informacao acerca da origem e dos sintomas dos

males de determinados doentes) e, principalmente, a *ars magna* de uma

escola xamanica da costa noroeste do Pacifico, a saber, o uso de uma

especie de penugem que o pratico esconde num canto da boca e cospe

no momento oportuno, molhado no sangue da lingua que ele mordeu

ou que fez sair das gengivas, para mostrar solenemente ao doente e

aos demais presentes, como corpo patologico expulso em decorrencia

de suas succoes e manipulacoes.

Confirmadas suas piores suspeitas, Quesalid queria prosseguir na

investigacao. Porem, ja nao estava mais livre, uma vez que a noticia

de seu estagio entre os xamas comecava a se espalhar. E assim, certo

dia, ele foi convocado pela familia de um doente que tinha sonhado que

ele era seu salvador. Esse primeiro tratamento (pelo qual, observa ele,

nao quis ser pago, assim como pelos seguintes, ja que nao tinha ainda

concluido os quatro anos regulamentares de pratica) foi um enorme

sucesso. Porem, embora passasse a ser visto, a partir de entao, como

“um grande xama”, Quesalid nao perdera o espirito critico e interpretava

seu sucesso por razoes psicologicas, “porque o doente acreditava

piamente no sonho que tivera a meu respeito”. O que haveria de deixa-

lo, em suas proprias palavras, “hesitante e pensativo” foi uma aven*O*

*feiticeiro e sua magia* 

tura mais complexa, que o colocou diante de varias modalidades de

“falso sobrenatural”, levando-o a concluir que umas eram menos falsas

do que outras: aquelas em que seu interesse pessoal estava envolvido,

evidentemente. Enquanto isso, o sistema comecava a se constituir subrepticiamente

em sua mente.

Numa visita a tribo vizinha dos Koskimo, Quesalid assiste a uma

cura praticada por seus ilustras colegas estrangeiros e, para seu grande

espanto, constata uma diferenca de tecnica: em vez de cuspir a doenca

na forma de um verme sanguinolento feito da penugem escondida na

boca, os xamas koskimo apenas expectoram na mao um pouco de saliva

e afirmam que e “a doenca”. Que validade tem esse metodo? A qual

teoria corresponde? A fim de descobrir “qual e a forca desses xamas,

se e real, ou se apenas se fazem passar por xamas”, como seus compatriotas,

Quesalid pede licenca para testar seu metodo, mesmo porque o

anterior nao teve efeito. A doente se declara curada.

Pela primeira vez, nosso heroi vacila. Por menos ilusoes que tivesse,

ate entao, quanto a sua propria tecnica, encontrara uma ainda mais falsa,

mais mistificadora, mais desonesta do que a sua. Pois ele pelo menos

dava algo a sua clientela, apresentava-lhe a doenca em forma visivel e

tangivel, ao passo que seus colegas estrangeiros nao mostravam absolutamente

nada e alegavam apenas ter capturado o mal. Alem disso, seu

metodo funcionava e o deles, nao. E nosso heroi se encontrou diante de

um problema que talvez tenha paralelos no desenvolvimento da ciencia

moderna: dois sistemas, ambos sabidamente inadequados, apresentam

contudo, um em relacao ao outro, um valor diferencial, tanto do ponto

de vista logico quanto do ponto de vista experimental. A partir de qual

sistema de referencias deveriam ser avaliados? O dos fatos, no qual se

confundem, ou o seu proprio, no qual assumem valores desiguais, teorica

e praticamente?

Enquanto isso, os xamas koskimo, “cobertos de vergonha” pelo

descredito em que cairam junto a seus compatriotas, tambem duvidam.

Seu colega apresentou, na forma de objeto material, a doenca, a que

eles sempre tinham atribuido uma natureza espiritual e que, por isso,

nunca tinham pensado em tornar visivel. Enviam a ele um emissario,

 magia e religião

para convida-lo a participar de uma conferencia secreta, numa gruta.

Quesalid comparece, e seus colegas estrangeiros lhe expoem seu sistema:

*Cada doença é um homem: furúnculos e inchaços, coceiras e cascas,*

*vermelhidão e tosse, definhamento e escrófulos, pressão na bexiga e*

*dores de estômago também... Assim que conseguimos capturar a alma*

*da doença, que é um homem, matamos a doença, que é um homem; seu*

*corpo desaparece dentro de nós.*

Se essa teoria estiver correta, o que ha para ser mostrado? E por que

razao, quando Quesalid opera, “a doenca cola na sua mao”? Mas Quesalid

invoca os regulamentos profissionais que lhe proibem de ensinar

antes de ter concluido quatro anos de exercicio e se recusa a falar.

Persiste nessa atitude, e os xamas koskimo resolvem enviar suas filhas

supostamente virgens para tentar seduzi-lo e arrancar dele seu segredo.

Entao, Quesalid volta a sua aldeia de Fort Rupert e fica sabendo

que o mais ilustre xama de um cla vizinho, preocupado com sua crescente

reputacao, lancou um desafio a todos os seus colegas, convidando-os

a competir com ele no tratamento de varios doentes. Quesalid se apresenta

e assiste a varias curas do xama mais velho, que, como os Koskimo,

nao mostra a doenca, apenas prende um objeto invisivel – “que afirma

ser a doenca” – a seu chapeu de entrecasca, ou a seu chocalho ritual

esculpido em forma de passaro, e, “pela forca da doenca que morde” os

pilares da casa ou a mao do pratico, esses objetos entao sao capazes de

ficar suspensos no ar. O roteiro de sempre se repete. Quesalid e chamado

a intervir nos casos que seu predecessor considera desesperados, e e

bem-sucedido com a tecnica do verme ensanguentado.

Aqui se situa a parte realmente patetica de nosso relato. Envergonhado

e desesperado, ao mesmo tempo por causa do descredito em que

caiu e do desmoronamento de seu sistema terapeutico, o velho xama

envia a propria filha como emissaria junto a Quesalid, para pedir-lhe

que venha ter com ele. Quesalid encontra o velho sentado ao pe de uma

arvore, e ele diz o seguinte:

*O feiticeiro e sua magia* 

*Não são coisas más que vamos dizer um ao outro, amigo, mas eu apenas*

*gostaria que você tentasse salvar minha vida por mim, para que eu não*

*morra de vergonha, pois tornei-me motivo de chacota de nosso povo por*

*causa do que você fez na noite passada. Peço-lhe que tenha piedade, e*

*me diga o que estava colado na palma de sua mão na outra noite. Era*

*realmente a doença, ou algo fabricado? Suplico-lhe que tenha piedade*

*e me conte como você fez, para que eu possa imitá-lo. Amigo, tenha dó*

*de mim.*

Quesalid, silencioso no inicio, comecou pedindo explicacoes quanto as

facanhas do chapeu e do chocalho, e seu colega mostrou-lhe a ponta

escondida no chapeu, que lhe permitia fincar-se em angulo reto num

pilar, e como prendia a cabeca de seu chocalho entre as falanges, para

dar a impressao de que o passaro ficava pendurado em sua mao pelo

bico. De fato, tudo o que ele fazia era mentira e trapaca, simulava o

xamanismo em busca dos ganhos materiais que dele tirava e “de sua

cobica pelas riquezas dos doentes”. Sabia perfeitamente que nao e possivel

capturar almas, “pois cada um possui sua propria alma” e, por isso,

usava sebo e alegava que “e a alma, essa coisa branca apoiada em sua

mao”. A filha entao juntou suas suplicas as do pai: “tenha do dele, para

que ele possa continuar vivo”. Mas Quesalid permanecia em silencio.

Em decorrencia desse tragico encontro, o velho xama desapareceria,

naquela mesma noite, com todos os seus, “com o coracao doente”, e

temido por toda a comunidade, pelas vingancas que poderia sentir-se

tentado a exercer. De nada valeu. Um ano depois, ele retornou. Enlouquecera,

como a filha. Tres anos mais tarde, ele morreu.

E Quesalid prosseguiu em sua carreira, cheio de segredos, desmascarando

os impostores e tomado de um profundo desprezo pela profissao:

*Só uma vez eu vi um xamã que tratava os doentes por sucção. E nunca*

*consegui descobrir se ele era um verdadeiro xamã ou um fingidor. Uma*

*razão apenas me faz crer que ele era mesmo xamã, o fato de não permitir*

*que as pessoas que tinha curado o pagassem. E, na verdade, nunca*

*o vi rir.*

 magia e religião

A atitude inicial tinha-se modificado sensivelmente, portanto; o negativismo

radical dera lugar a sentimentos mais matizados. Existem

xamas de verdade. E ele proprio? Quando o relato termina, nao se

sabe. Mas e evidente que ele exercia seu oficio conscienciosamente,

que se orgulhava do proprio sucesso e que defendia acaloradamente,

contra todas as escolas rivais, a tecnica da penugem ensanguentada

cuja natureza falaciosa de que tanto zombara no inicio, ele parecia ter

esquecido completamente.

\*\*\*

Ve-se que a psicologia do feiticeiro nao e simples. Na tentativa de analisa-

la, consideraremos inicialmente o caso do velho xama que suplica

a seu jovem rival que lhe diga a verdade, se a doenca colada na palma

da sua mao como um verme vermelho e grudento e real ou fabricada, e

que ira enlouquecer porque nao obteve resposta. Antes do drama, ele

dispunha de dois dados: de um lado, a conviccao de que os estados patologicos

tem uma causa e de que ela pode ser atingida e, do outro, um sistema

de interpretacao em que a invencao pessoal desempenha um papel

importante, que ordena as varias fases do mal, desde o diagnostico ate

a cura. Essa fabulacao de uma realidade em si desconhecida, feita de

procedimentos e representacoes, funda-se numa tripla experiencia: a

do proprio xama que, se sua vocacao for real (e ainda que nao o seja,

em razao do exercicio em si), experimenta estados especificos de natureza

psicossomatica, a do doente, que sente ou nao uma melhora, e a do

publico, que tambem participa da cura, cujo treinamento por que passa

e a satisfacao intelectual e afetiva que obtem determinam uma adesao

coletiva que por sua vez inaugura um novo ciclo.

Esses tres elementos do que se poderia chamar de complexo xamanico

sao indissociaveis. Mas percebe-se que eles estao dispostos ao redor

de dois polos, um constituido pela experiencia do xama e o outro, pelo

consenso coletivo. Nao ha por que duvidar, com efeito, de que os feiticeiros

– ou pelo menos os mais sinceros dentre eles – acreditam em

sua missao e de que essa crenca se funda na experiencia de determina*O*

*feiticeiro e sua magia* 

dos estados. As provacoes e privacoes a que eles se submetem muitas

vezes bastariam para provoca-los, ainda que nao se quisesse admitir que

sao a prova de uma vocacao seria e fervorosa. Mas, alem disso, existem

argumentos linguisticos, mais convincentes, porque indiretos: no dialeto

wintu da California, ha cinco modos verbais, que correspondem a

conhecimento adquirido pela visao, pela impressao corporea, por inferencia,

por raciocinio e por ouvir dizer. Os cinco, juntos, constituem a

categoria do conhecimento, por oposicao a conjectura, que se expressa

de outro modo. Curiosamente, as relacoes com o mundo sobrenatural

sao expressas pelos modos do conhecimento, os da impressao corporea

(ou seja, a experiencia mais intuitiva), da inferencia e do raciocinio. De

modo que o individuo que se torna xama em decorrencia de uma crise

espiritual concebe gramaticalmente seu estado como uma consequencia

a ser inferida do fato, formulado como experiencia imediata, de que ele

obteve o comando de um espirito, que acarreta a conclusao dedutiva de

que ele deve ter realizado uma viagem para o alem, no final da qual –

experiencia imediata – encontrou-se de volta junto aos seus (Lee 1941).

As experiencias do doente representam o aspecto menos importante

do sistema, a nao ser pelo fato de um doente tratado com sucesso

por um xama ficar especialmente bem situado para tornar-se ele mesmo

xama, como se ve, ainda hoje, na psicanalise. Seja como for, vimos que

o xama nao e completamente desprovido de conhecimentos positivos e

de tecnicas experimentais, que podem explicar em parte o seu sucesso.

De resto, os males do tipo que atualmente chamamos de psicossomaticos,

que representam grande parte das doencas em sociedades de baixo

coeficiente de seguranca, frequentemente cedem a terapeutica psicologica.

Tudo considerado, e provavel que os medicos primitivos, como

seus colegas civilizados, curem ao menos parte dos casos que tratam e

que, sem essa eficacia relativa, as praticas magicas nao poderiam ter-se

difundido tanto quanto o fizeram, no tempo e no espaco. Mas esse nao e

o ponto essencial, pois que esta subordinado aos dois outros: Quesalid

nao se tornou um grande xama porque curava seus doentes, curava seus

doentes porque se tornara um grande xama. Somos portanto levados

diretamente ao outro extremo do sistema, isto e, seu polo coletivo.

 magia e religião

Na verdade, e na atitude do grupo, bem mais do que no ritmo dos

fracassos e dos sucessos, que se deve buscar a verdadeira razao da derrocada

dos rivais de Quesalid. Eles proprios afirmam isso, quando se

lamentam por terem-se tornado motivo de chacota de todos, quando

ressaltam a vergonha, sentimento social por excelencia. O fracasso e

secundario, e percebe-se, em todas as suas afirmacoes, que eles o concebem

como funcao de um outro fenomeno, a diluicao do *consenso social*,

reconstituido, contra eles, em torno de um outro praticante e de um

outro sistema. O problema fundamental e, portanto, o da relacao entre

um individuo e o grupo, ou, mais precisamente, entre um determinado

tipo de individuo e determinadas exigencias do grupo.

Ao curar um doente, o xama oferece um espetaculo ao seu auditorio.

Que espetaculo? Correndo o risco de generalizar apressadamente algumas

observacoes, diriamos que o espetaculo em questao e sempre uma

repeticao, por parte do xama, do “chamado”, isto e, da crise inicial que lhe

trouxe a revelacao de sua condicao. Mas nao devemos nos deixar enganar

pela palavra espetaculo, pois o xama nao reproduz ou encena simplesmente

determinados acontecimentos, ele os revive efetivamente,

em toda a sua

vivacidade, originalidade e violencia. E como ele volta ao normal ao termino

da sessao, podemos dizer, empregando um termo essencial da psicanalise,

que ele *ab-reage*. Como se sabe, a psicanalise chama de ab-reacao o

momento decisivo da cura em que o doente revive intensamente a situacao

inicial que esta na base de seu disturbio, antes de supera-la definitivamente.

Nesse sentido, o xama e um ab-reator profissional.

Buscamos em outro trabalho as hipoteses teoricas que seria preciso

formular para admitir que o modo especifico de ab-reacao de cada

xama, ou de cada escola, possa induzir simbolicamente, no doente, uma

ab-reacao de seu proprio disturbio (Levi-Strauss 1949d, cap. x deste

livro). Contudo, se a relacao essencial e aquela entre o xama e o grupo,

e preciso formular a questao tambem de um outro ponto de vista, o

da relacao entre o pensamento normal e o pensamento patologico. Ora,

em qualquer perspectiva nao cientifica (e nenhuma sociedade pode ter

a pretensao de nao fazer parte disso), pensamento patologico e pensamento

normal nao se opoem, se complementam. Diante de um universo

*O feiticeiro e sua magia* 

que anseia por compreender, mas cujos mecanismos nao domina, o pensamento

normal sempre busca o sentido das coisas nelas mesmas, que

nada informam. O pensamento dito patologico, ao contrario, transborda

de interpretacoes e ressonancias afetivas, sempre pronto para aplica-las

sobre uma realidade de outro modo deficitaria. Para o primeiro, existe

o nao verificavel experimentalmente, isto e, o exigivel; para o segundo,

experiencias sem objeto, ou o disponivel. Na linguagem dos linguistas,

diriamos que o pensamento normal sempre sofre de uma deficiencia

de significado, enquanto o pensamento dito patologico (ao menos em

algumas de suas manifestacoes) dispoe de um excedente de significante.

Gracas a colaboracao coletiva na cura xamanica, chega-se a um meiotermo

entre essas duas situacoes complementares. Na doenca, que o pensamento

normal nao compreende, o psicopata e convidado pelo grupo a

investir uma riqueza afetiva que nao tem objeto de aplicacao. Surge um

equilibrio entre o que e na verdade, no plano psiquico, a um tempo oferta

e demanda, mas com duas condicoes. E preciso que, por meio de uma

colaboracao entre a tradicao coletiva e a invencao individual, se elabore

e se modifique continuamente uma estrutura, isto e, um sistema de oposicoes

e de correlacoes que integre todos os elementos de uma situacao

total em que feiticeiro, doente e publico, representacoes e procedimentos,

encontrem cada qual o seu lugar. E e preciso que, tanto quanto o doente

e o feiticeiro, o publico participe, pelo menos em alguma medida, da

ab-reacao, essa experiencia vivida de um universo de efusoes simbolicas

cujas “iluminacoes” o doente, porque doente, e o feiticeiro, porque

psicopata (ambos dispondo, portanto, de experiencias nao integraveis de

outro modo) podem faze-los entrever, de longe. Na ausencia de qualquer

controle experimental, que nao e necessario, nem tampouco pedido,

e somente essa experiencia, com sua relativa riqueza em cada caso, que

pode permitir escolher entre varios sistemas possiveis, e levar a adesao a

uma determinada escola ou a um determinado praticante.4

. No que concerne a aproximacao, aqui feita de modo bastante simplista, entre feiticeiro

e psicopata, fui levado, por oportunas criticas de Michel Leiris, a refinar meu raciocinio em

“Introducao a obra de Marcel Mauss” (Levi-Strauss 1950).

 magia e religião

\*\*\*

A diferenca da explicacao cientifica, nao se trata aqui, portanto, de ligar

estados confusos e desorganizados, emocoes ou representacoes, a uma

causa objetiva, mas sim de articula-los na forma de uma totalidade ou

um sistema, sistema esse valido precisamente na medida em que permite

a precipitacao, ou coalescencia, desses estados difusos (e tambem

penosos, em razao de sua descontinuidade). E este ultimo fenomeno e

confirmado a consciencia por uma experiencia original, que nao pode

ser captada de fora. Gracas a seus disturbios complementares, a dupla

doente-feiticeiro encarna para o grupo, de modo concreto e vivo, um

antagonismo que caracteriza todo pensamento, mas cuja expressao

normal e sempre vaga e imprecisa: o doente e passividade, alienacao

de si mesmo, assim como o informulavel e a doenca do pensamento, e

o feiticeiro e atividade, transbordamento de si mesmo, assim como a

afetividade e a fonte dos simbolos. A cura poe em relacao esses polos

opostos, garante a passagem entre um e outro e manifesta, numa experiencia

total, a coerencia do universo psiquico, ele mesmo projecao do

universo social.

Percebe-se, assim, a necessidade de estender a nocao de ab-reacao,

examinando os sentidos que assume em outras terapeuticas que nao a

psicanalise, que teve o imenso merito de redescobri-la e de insistir em

seu valor essencial. Pode-se argumentar que, na psicanalise, so ha uma

reacao, a do doente, e nao tres. Talvez nao seja bem assim. E fato que,

na cura xamanica, o feiticeiro fala, e realiza a ab-reacao *para* o doente

que fica calado, ao passo que, na psicanalise, e o doente que fala, e realiza

a ab-reacao *contra* o medico que o escuta. Mas a ab-reacao do medico,

embora nao seja concomitante a do doente, nao deixa de ser indispensavel,

ja que e preciso ter sido analisado para ser analista. O papel que

cabe ao grupo em ambas as tecnicas e mais complicado de definir, pois

a magia readapta o grupo a problemas predefinidos, por intermedio

do doente, ao passo que a psicanalise readapta o doente ao grupo, por

intermedio de solucoes novas. Porem, a inquietante evolucao que tende,

ha alguns anos, a transformar o sistema psicanalitico, de corpo de hipo*O*

*feiticeiro e sua magia* 

teses cientificas verificaveis experimentalmente em certos casos bem

definidos e limitados, em uma especie de mitologia difusa que embebe

a consciencia do grupo (fenomeno objetivo que se traduz, no psicologo,

pela tendencia subjetiva a estender ao pensamento normal um sistema

de interpretacoes concebido em funcao do pensamento patologico, e a

aplicar a fatos de psicologia coletiva um metodo adaptado unicamente

ao estudo do pensamento individual) ameaca recuperar rapidamente o

paralelismo. Entao – e talvez ja seja esse o caso, em alguns paises – o

valor do sistema nao mais estara baseado em curas reais, de que se beneficiam

individuos particulares, mas sim no sentimento de seguranca

infundido no grupo pelo mito fundador da cura e no sistema popular

conforme o qual, nessa base, seu universo se vera reconstituido.

Desde ja, a comparacao entre a psicanalise e terapeuticas psicologicas

mais antigas e mais difundidas pode encorajar a primeira a fazer

uteis reflexoes acerca de seu metodo e de seus principios. Ao deixar que

se expanda continuamente o recrutamento dos que lhes sao passiveis,

que, de anormais caracterizados, tornam-se paulatinamente amostras

do grupo, a psicanalise transforma seus tratamentos em conversoes.

Pois apenas um doente pode acabar curado, desajustados ou instaveis so

podem ser persuadidos. Surge ai um perigo consideravel, o de que o tratamento

(a revelia do medico, evidentemente), longe de chegar a solucao

de um disturbio preciso, sempre respeitosa do contexto, se reduza

a reorganizacao do universo do paciente em funcao das interpretacoes

psicanaliticas. O que significa que cairiamos, como ponto de chegada,

na situacao que fornece o ponto de partida e a possibilidade teorica ao

sistema magico-social que analisamos.

Se esta analise estiver correta, seremos levados a ver nos comportamentos

magicos a resposta a uma situacao que se revela a consciencia

por manifestacoes afetivas, mas cuja natureza profunda e intelectual.

Pois apenas a historia da funcao simbolica permitiria dar conta dessa

condicao espiritual do homem, na qual o universo nunca significa o

bastante, e o pensamento sempre dispoe de um excedente de significacoes

para a quantidade de objetos aos quais pode associa-las. Dilacerado

entre esses dois sistemas de referencia, o do significante e o do

 magia e religião

significado, o homem pede ao pensamento magico para fornecer-lhe

um novo sistema de referencia, no qual dados ate entao contraditorios

possam ser integrados. Sabemos, porem, que esse sistema se edifica as

custas do progresso do conhecimento, que teria exigido que apenas um

dos dois sistemas anteriores fosse arranjado e aprofundado a ponto de

(estamos bem longe disso) absorver o outro. Nao se deve fazer o individuo,

psicopata ou normal, repetir essa desventura coletiva. Ainda que

o estudo dos doentes nos tenha mostrado que todo individuo se refere,

em alguma medida, a sistemas contraditorios, e que sofre com seu conflito,

nao basta que uma determinada forma de integracao seja possivel

e eficaz na pratica para que seja verdadeira, e para que se tenha a certeza

de que a adaptacao assim realizada nao constitua uma regressao absoluta

em relacao a situacao conflitiva anterior.

Absorver uma sintese aberrante local com sua integracao, com as sinteses

normais, no seio de uma sintese geral, mas arbitraria (exceto nos casos

criticos, em que algo tem de ser feito) representaria uma perda de todos

os lados. Um conjunto de hipoteses elementares pode apresentar um valor

instrumental inegavel para o praticante, sem que a analise teorica deva

obrigar-se a reconhecer ai a imagem ultima da realidade, e tampouco sem

que seja necessario unir, por seu intermedio, o doente e o medico numa

especie de comunhao mistica que nao tem o mesmo sentido para cada um

deles, e que acaba reduzindo o tratamento a uma fabulacao.

No limite, apenas se pediria a ela uma linguagem adequada para

fornecer a traducao socialmente autorizada de fenomenos cuja natureza

profunda tornar-se-ia novamente impenetravel, tanto para o grupo

quanto para o doente e o magico.